

A ressurreição do nazismo

Carlos Chagas

CORREIO BRAZILIENSE

O passado não se deu ao trabalho de passar para que o esqueçamos. Representa o nosso maior tesouro, não porque nos dirá o que fazer, senão pelo contrário: o passado nos diz sempre o que evitar.

Houve tempo, não muito remoto, em que se acreditava em raças superiores, daquelas que tinham o direito de escravizar as outras. Mais que isso, tentava-se redesenhar a Humanidade pela genética e pela estética. Privilegiados deveriam ser apenas os arianos, em especial se fossem louros e alemães. Mas só aqueles perfeitos, sem deficiências físicas ou motoras. Praticou-se a eutanásia, na Alemanha nazista, levada às últimas conseqüências, ou seja, era condenado primeiro à segregação, depois à morte, o cidadão aleijado ou deficiente físico, mesmo se dispusesse de um cérebro perfeito.

Horror igual não pode ser esquecido, mas, às vezes, as sociedades sofrem ataques de amnésia. Senão as sociedades, ao menos as comunidades.

A Rede de Hospitais Sarah funciona, e muito bem, a partir de Brasília. É reconhecida nacional e internacionalmente, cheia de prêmios, como um dos mais aperfeiçoados centros de recuperação do aparelho locomotor. Seu diretor há mais de 20 anos, o dr. Aloísio Campos da Paz é pessoa polêmica porque exige o máximo de seus funcionários, médicos ou não, ainda que em contrapartida pague os melhores salários da categoria. Por conta do sucesso já existem hospitais da Rede Sarah em São Luís e Salvador. Lá como na capital federal, o doente não paga nada, pobre ou rico. As despesas correm por conta de uma fundação que administra o complexo, pois o dr. Aloísio entende ser a saúde um direito de qualquer cidadão. Rejeita até mesmo a medicina "da Floresta de Sherwood", aquela onde os ricos devem pagar pelos pobres.

A Rede Sarah recebeu do antigo governador do DF, Joaquim Roriz,



amplo terreno no final da Península Norte. Lá seriam expandidas suas atividades, construindo-se um Centro de Treinamento em Reabilitação. Nem se trata de um hospital, mas de um conjunto onde os pacientes já em estado de recuperação, e antes de terem alta, voltarão a aprender a andar, a mexer-se e a enfrentar de novo a vida rotineira. Nesse centro serão treinados médicos, enfermeiros e pessoal de apoio, necessário para integrar os hospitais da Rede. O projeto, já pronto, é de autoria do arquiteto João Filgueiras Lima, o "Lelé", que dispensa apresentação.

Pergunta-se onde está o Centro de Treinamento em Reabilitação. Onde? No papel, impossibilitado de ser erigido. Sabem por quê? Porque um grupo minoritário de moradores da Península Norte insurgiu-se, entrou na Justiça, badalou a Câmara Distrital e embargou a obra, em nome do direito de a comunidade decidir sobre seus próprios destinos. Um princípio salutar mas completamente distorcido.

Qual a argumentação? A de que os vizinhos do Centro seriam infec-

tados por bacilos e micróbios, o que não é verdade porque para lá irão os pacientes em recuperação motora. Depois, porque o trânsito na Península Norte ficaria congestionado, outra bobagem para quem conhece as amplas pistas lá em funcionamento. Em terceiro lugar, porque a sirene de ambulâncias perturbaria o sossego de todos, nova inverdade na medida em que não haverá emergências no local. Mas tem pior. Por último, sustentam que o bairro ficaria cheio de mutilados e de pobres, fazendo com que suas crianças ficassem chocadas diante da desgraça alheia...

Em São Paulo, quando se construiu o Hospital Albert Einstein, para tratamento do câncer, a comunidade do aristocrático bairro do Morumbi não se mobilizou contra, muito pelo contrário, aplaudiu. No Rio, todos os principais hospitais estão incrustados em bairros residenciais, e ninguém protesta.

Brasília seria diferente? Ou os habitantes de Brasília diferem do resto da população? O egoísmo humano não tem limites, mesmo restrito a uns poucos. Acresce que um hospital ou um centro de recuperação não pertence a seus vizinhos, mas à cidade inteira. No caso Sarah, ao país todo - de todos os pontos vem gente aos montes em busca de auxílio.

Se uma estupidez dessas não for obstada imediatamente pelos deputados distritais e pela Justiça, breve vão pretender segregar os deficientes físicos no cerrado, no pantanal ou na selva amazônica. Depois deles, os que não pertencerem a essa raça especial de discriminadores. Quem sabe pretendam afastar também de seu convívio aqueles que não pensam como eles? Em tempos passados isso se chamava nazismo. Hoje, o nome é "participação da comunidade nas decisões de governo"...

Carlos Chagas é jornalista e professor da Universidade de Brasília